

Entrevista com Teodolida Rossi e Ernesto Rossi

Data: 27/07/95

Ern. 84 anos

E. A senhora tem 84 anos?

(....?)

E. Aonde? Na Itália?

T. Na Itália

E. Em que cidade?

T. Meu pai...(?)Vicenza

E. Vicenza. O senhor também nasceu na Itália?

Ern. Eu nasci na Itália... 8 de abril de 1921

E. O senhor é Ernesto..

Ern. Rossi

E. Ernesto Rossi. Vocês são irmãos né? Certo. Vocês vieram para o Brasil?

Ern. Aqui no Navegantes e estamos até hoje

E. Em que ano?

T. 1924

Ern. Nós saímos em 23 da Itália, saímos em dezembro da Itália e chegamos em janeiro por aqui.

T. É isso aí mesmo, saímos 23 da Itália e chegamos 22 de janeiro de 24.

E. E aí vocês já se afixaram no Navegantes mesmo?

Ern. Daqui só paramos um ano em Niterói, pegamos a enchente de 28 e aí nos arreventou lá e voltamos pra cá pros Navegantes e estamos até hoje aqui. Só nessa casa aqui já temos 50 anos.

E. Certo. Os pais de vocês trabalhavam com que?

Ern. Agricultores, tambo de leite, pecuária..

E. Certo. Aqui mesmo?

Ern. Aqui mesmo

T. Na Itália também. No Brasil aqui, essa chácara toda não sei se tu lembra que era da Vó Elza nós trabalhamos, moramos 16 anos ali, neste trajeto todo que pertencia ao seu (?) tinha vaca, tambo de leite

Ern. No terreno ali onde morou a tua mãe a tua vó tudo, os teus bisavô ali era alugado tudo isso aqui era tudo alugado mas tinha chácara e tambo de leite.

T. Mas ele trabalhava na oficina

Ern. Eu trabalhei na oficina, depois dos 19 anos eu fui pra oficina e da oficina eu comprei caminhão e aí eu trabalhei 30 anos e me aposentei. Fazem vinte e poucos anos que eu estou aposentado. Mas segue lutando, sempre trabalhando pra não esquecer o trabalho e pra prolongar a vida porque se não.

E. Certo. Qual a oficina que o senhor trabalhou?

Ern. Na? Mayer...na oficina do teu avô. O teu avô que me levou prá lá, foi teu avô Arno que me levou pra lá. Eu trabalhei lá, depois eu saí. Me estabeleci com oficina, não deu certo, com um amigo, aí depois eu comprei caminhão.

E. É aquela oficina que fica no Bairro Floresta?

Ern. Ficava lá na Marques do Erval. Deve ser falecido hoje, Jost Mayer

E. Era oficina de automóveis mesmo?

Ern. Era oficina de automóveis. Foi na época do gasogênio. Muito gasogênio eu fiz lá dentro, na época do gasogênio, na época da guerra

E. Foi na época que foi adotado o gasogênio pra substituir o petróleo?

Ern. Prá substituir o petróleo, peguei toda a época, começamos com gás pobre que era a lenha e depois foram pro carvão e eu pegava um carro numa Segunda-feira e largava ele no Sábado trabalhando com ele a gás ..? como se dizia né..

E....no campo da aviação

Ern. No campo da aviação tinha tambo de leite ali e depois começaram com aquela melindrosa e aí foi indo foi indo foi indo e estamos neste precipício aqui hoje está pequeno né....

T.(.....fala alguma coisa..27,28,27..?)

Ern. Chegamos aqui em 24 moramos na Frederico Mentz da Frederico Mentz fomos pra Niterói, em Niterói paramos um ano. Viemos aqui pra casa dos teus bisavô que era da falecida Elza que morreu há pouco tempo, faleceu. Mas naquele tempo era o teu tataravô que era o falecido Rossner.

E. Rossner?

Ern. É Rossner

T. A dona Elza

Ern. Mas a dona Elza já era filha dele, mas a dona Elza era filha, o falecido Rossner era viúvo, morava sozinho ali desde o tempo que nós estávamos ali ele era o dono..

E. A minha tataravó era Genoveva?

Ern. Eu não me lembro

E. Eu não tenho bem certeza também

E. Mas era Rossner né?

Ern. Era Rossner e dali foi indo ficamos 16 anos ali e depois nos pediram a chácara porque um madeireiro quis um negócio com eles ali e ao mesmo tempo foram vendendo foram vendendo dando um terreno pra um filho pro outro pro outro e aí eliminou e nós viemos pra cá e ao mesmo tempo já fiz a transformação de oficina pra caminhão e aí comecei com caminhão, nesta data já com caminhão..

E. O senhor fazia transporte?

Ern. Transporte de construção de obras e demolições mesmo de dentro de Porto Alegre, areia, cascalho, pedra, limpeza de obra, madeira tudo que for de obra.

E. O senhor trabalhou como autônomo?

Ern. Sempre como autônomo, me aposentei como autônomo.

E. A senhora trabalhou?

T. Eu trabalhei no Renner por 17 anos

Ern. Entrou com 17 anos

T. Entrei com 17 anos, entrei com 17 anos

E. Em 28?

T. Saí de lá em...

Ern. Trabalhou 44 anos

T. Trabalhei 44 anos

E. 44 anos?

Ern. É porque ela entrou... a memória dela já está se indo

T. Já está querendo... sempre quer dizer que entrei ali e ali eu fiquei

E. A senhora entrou em 1928 mais ou menos a senhora é de 1911?

T. 29

E. 29?

T. 29, me lembro bem porque a Emília casou em 29 e ela ainda antes dela sair ela quiz que eu entrasse pra ela me ensinar o serviço que ela fazia, foi em 29.

E. A senhora trabalhou em que setor?

T. Costura

E. Costura.

T. Confecção

E. Confecção?

T. Confecção, sempre trabalhei desde que entre ali fiquei nessa confecção até que saí.

E. Como que era o trabalho assim, por exemplo, no número de horas de trabalho?

T. Era horário normal eu era operária, das 7 horas às 11 e meia depois a uma hora uma e meia, agora não lembro se era uma hora ou hora e meia... até cinco horas, cinco e meia.

E. Cinco e meia?

T. Cinco e meia. Era oito horas ao final. Trabalhei sempre ali desde que eu entrei com 17 anos e saí com quase.....

Ern. Tu te aposentou antes que eu. Eu me aposentei em 72 tu deve ter te aposentado por 69, 70 mais ou menos é só fazer a conta ela entrou em 29 trabalhou 44 anos

E. 73 mais ou menos

Ern. Não ela se aposentou antes ela se aposentou e, 70 ou 69 eu me aposentei eu em 72. Em 72 me aposentei eu e ela se aposentou antes

E. E a senhora trabalhou sempre no setor da costura?

T. Todos esses anos que estive lá dentro só tive dois chefes um que morreu e o outro que substituiu, só dois chefes, sempre o mesmo serviço, quase as mesmas amigas era uma irmandade naquela época.

E. Permaneceu o mesmo pessoal durante um período muito longo.

T. Só umas que às vezes saía porque casava e ia pra longe não podia trabalhar e outras porque morriam mas do contrário sempre naquele mesma amizade

E. E o Renner era uma das maiores fábricas aqui?

Ern. Era a maior indústria... naquela época chegou a trabalhar com 5 ou 7 mil empregados... fazia de tudo

E. 5 ou 7 mil empregados?

Ern. ...não é que nem ficou agora

T. Sim, porque ele não tinha só a costura ele tinha muita coisa

E. Sim, tinha cerâmica

T. Tinha muita indústria

Ern. Trabalhava com chapéu, calçado, fazia de tudo... até sabão

E. Em termos de escolaridade, vocês estudaram até..

Ern. Ninguém,... eu entrei com 11 com 7 anos e saí com 11 da escola e não tinha dinheiro nem pra pagar o colégio, pobre, pobre, pobre

E. E a escola se não tinha... não tinha escola pública era só privada

Ern. Era a escola na Igreja Navegantes, na Igreja Navegantes porque tinha o colégio ali naquela época. Eu e meu irmão que faleceu agora na Páscoa e a minha irmã estudou na Itália mas muito pouco

T. Só na Itália, imagina eu vim 12 anos estudei lá e depois nunca mais o pouco que sei que li e que aprendi foi na Itália, de leitura e depois aqui por força de vontade minha eu..

E. Começaram a trabalhar cedo já também?

Ern. Houve uma época depois em que começou o Círculo Operário, naquela época então nós estudemo de noite ali eu minha irmã e mais um outro amigo mas foi poucos meses mas nos orientou muito porque nós tinha muita força de vontade nos orientou muito aquilo e depois parou também..

E. Vocês foram sócios do círculo operário?

Ern. Círculo Operário naquela época e então... onde entrou um pouco mais a

T...a matemática

Ern. A matemática aquela coisa...hoje em dia... mas graças a Deus eu me defendi, aprendi um pouquinho a ler que eu pude tirar a carta de motorista...mas não tenho franqueza hoje se eu quiser escrever uma carta eu me defendo, defendi minha vida Graças a Deus tirei minha independência. Acredito que muita gente estudada não tem o que eu tenho. Mas também a força de vontade a economia né sabe como é né a gente criado naquela sistema...não é como criado hoje, não vamos dizer todos mas muita gente hoje se criam né... não pensando no dia de amanhã eu trabalhava hoje pensando no futuro e então foi aonde que nós conseguimos com muita dificuldade...na vida...não havia dinheiro

T. ...a criação dos pais..

Ern. É a nossa criação

T. a criação dos pais muito severa....muito rígida

Ern. Sempre se conseguiu alguma coisinha...se conseguiu por outros tinham ganhado de herança e foram botando fora onde é o mal né.

E. No Círculo o senhor fazia um curso...?

Ern. A gente tinha um elemento que sabia um pouco mais do que a gente e o próprio grupo... ele dava umas instruçõeszinha, como tem aí pra fora hoje em dia uma pessoa que sabe um pouco e pega uma meia dúzia de aluno e dão uma instruçõeszinha .

E. Fora de instrução que tipo de atividade que o Círculo Operário organizava e que o senhor participava?

Ern. Olha fazia algum teatrinho alguma coisinha alguma bobagesinha, naquela época era muito bom, hoje em dia não sei não se dá valor né, mas naquele tempo faziam aquelas comediazinhas, teatrinho, mas hoje... acabou com isso

T.....

Ern. Mas terminou viu, terminou

E. E já era lá na avenida Polônia?

Ern. Era aqui na Pernambuco mesmo, um galpão que tinha ali antigamente mas já foi desmanchado

E. Porque agora é lá avenida Polônia

Ern. ..é nós somos sócios ...mas eu até vou sair, Círculo Operário nada...clínica né?

E. Isso Isso..

T. Na esquina da Pernambuco com a Sertório ali

Ern. Naquela época ali e depois passaram pra...estão lá na Polônia..

E. É muito ligado a Igreja?

Ern. Nós? Sempre fomos

E. Porque o Círculo também era muito ligado né? A Igreja

T...

E. A família italiana sempre é de tradição religiosa forte né?

Ern. Naquela época era, hoje não, salvesse quem puder não. Mas a fé, quem tem a fé não...infelizmente as igrejas paralisaram muito sempre via as igreja cheia e hoje..

E. Vocês estavam falando que tinham dificuldade de dinheiro, dinheiro curto, aqui mesmo todo mundo trabalhava em geral nas fábricas ou em alguma ocupação.

Ern. Você sabe o que nós sofremos muito aqui foi com as enchentes. Nós passemo a enchente de 24, nós peguemos a enchente do 26, nós peguemos a enchente de 28, nós estava em Niterói, veio a de 36 aqui na chácara, pegamos a enchente do 41 que tapou quase a casa, foi aonde nós paremos no sótio da deve ser a tua bisavó, a dona Elza, no sótio, paremos em 44 pessoas e a água tapou os galpões onde tinha as vacas que tinha tudo, tapou e eu com o caíque subia quase que em cima do telhado.

T. Ernesto naquele tempo era a mesma casa ainda né? Daquela enchente a da dona Elza?

Ern. Agora já desmancharam tudo

E. Mas foi onde ela ficou até...se mudar

T. Mas era tão alta a casa, era feita tão alta que eles encostaram com o caíque na janela, se entrava com o caíque..

Ern. A casa era mais alta mas a água batia metade da janela, então as mulheres, a falecida tua avó, a falecida Lídia era aí que ela começou a namorar teu pai, não o teu avô. Aí que eles começaram o namoro porque o pai da Lídia não queria o namoro de jeito nenhum, eles namoravam dentro da nossa casa e ali eles se ajeitavam, nós éramos muito amigo e eles se ajeitavam, mas o sogro velho o falecido Feijó não queria..

E. O vô Feijó morou muito tempo conosco.

Ern....é....não queria saber de jeito nenhum o velhinho... não queria saber, era muito amigo nosso mas não queria saber não sei lá pelo que. Naquela época da enchente eu tirei, eu e o teu avô falecido Arno tiramos os dois de dentro de lá com a água por aqui, com água por aqui de dentro da casa foi quando levamos pro sótão da casa da falecida tua avó Dona Elza e lá nós paremos quase trinta e tantos dias lá em cima, porque a água levou trinta dia pra sair.

E. Como faziam pra comida, pra...

Ern. Eu, começa que já tinha uma certa experiência a primeira coisa quando vimos a água subir com a quantidade de chuva que fez fomos logo comprar madeira pra fazer um caíque. Teu avô... teu bisavô falecido Rossner né o pai... o marido da Dona Elza, pai do Arno, seu

F →

Rede Vizinhança

Otto, fizemos um caíque quando a água vinha vindo lá embaixo e quando terminamos já estava dentro da água e aquele caíque nos salvou tudo... nos salvou tudo então com o caíque nós saía pra cá saía pra lá. Uma vez eu saí não sei o que... o falecido Feijó e o falecido Otto saíram não sei de que jeito eu encontrei eles aqui na esquina da Teodoro com a Pernambuco com a água por aqui, que a água ia levando eles água a baixo não sei como é que eu dei por acaso e encontrei e tiramos ele de dentro d'água, o falecido Feijó com a japona que ele costuma usar era assim... ia morrer os dois, naquela época era bem possível, mas conseguimos e não houve nada. O falecido Otto era mais ativo mas o Feijó, o teu avô era mais parádão e eles tinha uns porco ele criava porco numa chácara, nós ia cuidar muito os porco dele lá e eu um dia ainda peguei um porco de lá botemo dentro do caíque e matemos o porco em cima do sótio da casa..

T...no girau..

Ern. Matemos o porco ali e aquilo foi indo e aquela carne e o feijão e mais cachaça olha passemos e não houve nada. Nós tinha muita galinha na chácara e aquelas galinha botei tudo em cima de um sótio que nós tinha no galpão e vinha muita madeira da estrada de ferro que a água levantou, madeira da estrada de ferro, que usava pras máquinas pra esquentar as máquina e aquilo veio tudo e parou. Então eu largava tinha que mergulha a madeira pra eu entrar dentro por baixo da porta, porque a água tapou a porta e aquela madeira submergia e as galinhas andavam por cima não faltava água, comida e vivam não morreu uma galinha. De vez enquanto quando precisava de uma galinha duas pra comer ia ali e pegava a galinha e ia se defendendo graças a Deus.

E. Essa coisa da enchente, pelo jeito enfrentar a enchente fortalecia muito a solidariedade, a relação entre a vizinhança?

Ern. Nós estavas ali a família do Otto, nossa família, 2, a família do Friga, 3, a família do Feijó, 4 e a família do...daquele como é João...que é...aquele que morava ali perto do... cinco família nós moramo ali eram 44 pessoas nós paramos ali em cima. As mulheres dormiam no sótio em cima e nós tinha um girau que a água faltava um tanto assim pra nos pegar e ali paravam os homens.

T...e os barrote tudo...galpão botaram tábuas, olha parece mentira que Deus ajuda sempre dá um jeito e seu Otto tinha umas tábuas lá em cima naquele girau e eles agarraram tiraram aquilo e fizeram um soalho de cima da cumeeira como se diz

Ern. Sótio de um galpão

T. Sótio de um galpão e cada qual que pode se recolher com seu colchão com cobertas com tudo que se pode tirar mas nós tinha muita sorte porque o Ernesto tinha caíque e o Arno trabalhavam que nem uns cavalos, um dia transportavam as coisas de uma casa no outro da outra e assim foram indo.

Ern. Era gente pedindo socorro pra tudo que era lado, galinhas, cachorros, botavam em cima do telhado das casas e depois iam embora o que fazer e as galinhas terminavam ou robavam ou se atiravam na água morriam água abaixo.

E. A enchente começou a diminuir...?

Ern. A enchente do 41 que foi a maior aqui nesse lugar tinha 3 metros e meio de água, por incrível que pareça.

E. E depois houve alguma obra alguma coisa que diminuiu?

Ern. As obras diminuíram tudo. As casas? Hoje moradores aqui é muito pouco começou muito pavilhões de transportadora, transportadora, transportadoras, as indústrias antigas, acabaram tudo aqui, o Renner, o Vasconcelos o único que ainda está sustentando é o Bier..

T. O Renner também.

Ern. O Renner...o que que tem o Renner? Tu viu no que virou o Renner nesse

T. Bom quer dizer a firma com o nome. A firma né, o que funciona lá dentro eu não sei te dizer

Ern. Ah a firma do Renner é muito pouco as firmas antigas daqui da zona todas se acabaram.

E. E eram todas de tecido, tecelagem basicamente.

Ern. O Renner

E. O mais forte?

Ern. O Renner a parte mais forte era tecido.

T. O Renner era tecelagem

Ern. Fiação

T. Fiação e uma coisa que ele fazia era fazenda e cortadores cortavam e saía fatiota prontinha.

Ern. Ele tinha fiação de ovelha ele tinha fiação de linho, tinha plantação de madeira pra fazer funcionar as caldeira dele ele tinha tudo

E. Não dependia de nada?

Ern. Não dependia de nada, tinha tudo.

E. E como era trabalhar no Renner como era a convivência dentro da empresa? As condições de trabalho? O trabalho era muito intenso?

T. Não, o Renner sempre foi um chefe ótimo e

Ern. O velho

T. O velho e ele mantinha aquele regime de que os operários deles fossem bem tratado, não havia nada de resmungação de briga, disso ou daquilo ele não queria. Ele queria era ordem, ordem, amizade entre os operários e eles se dava o trabalho de passar todos os dias, ele subia lá do escritório dele, passava todas as sessões e ele quando ele passava sempre assim, cumprimentava todo mundo muito amigo nem parece que ele era o chefe, o dono.

E. E o salário assim eles davam condições da pessoa se manter bem?

T. Agora, o salário pra ti falar a verdade eu não sei qual era o tempo, porque eu sempre trabalhei por peça,

E. Por peça?

T. Por peça, então tinha algumas que... eu trabalhei de salário, por exemplo, uns três anos, porque ele tinha fiscal e ela morreu e o chefe achou que pra me bota eu ali. Eu não queria, mas ele disse: - você tem capacidade fica aí. Aí eu fiquei, ganhava 10 mil réis, tinha passado por 8, quando eu entrei com 8 aí porque eu queria saber de saída porque eu trabalhava por peça e ganhava mais e passou a 10 mil réis por dia.

E. Isso em que época?

T. Agora...

E. A senhora já estava há bastante tempo na fábrica?

T. Ah...a época eu acho que eu tinha meus vinte e....

Ern. 54.....antes de 60

T. Antes sim eu não recordo, eu acho que eu tinha 28, 29 anos

Ern. Tinha mais.

T. Mais? Tem coisas que a gente não...

E. Mas o salário mesmo o que senhora ganhava por peça assim era suficiente pra poder manter pelo menos manter um certo padrão de vida?

T. Sim, sim. Eu, por exemplo, trabalhando por peça, a pessoa que era mais ligeira tinha mais capacidade podia ganhar mais. Tinha aquela que era mais vagarosa, mais... Por exemplo, eu se eu tivesse tinha a capacidade de fazer 10 peças por dia aquela, porque a peça era fatiota tudo feito em pedaços tudo em parte então cada uma fazia sempre continuava fazendo aquela parte, uma manga, outra trabalhava na calça, trabalhava no casaco, no colete, tudo repartido, tudo em pedaço,

Ern. Cada uma fazia o seu.

T. Cada uma fazia o seu. E tinha o seu preço. Cada peça tinha o seu preço de maneira que depois quando era fim da quinzena e quando a gente terminava a peça entregava. Então tinha a mesa. A mesa, uma senhora que revistava, eu também fui fiscal muito tempo revistava e eles faziam uns vale. E aqueles vales era o preço da peça. A gente guardava e quando chegava no fim da quinzena a gente somava. Então tinha um..uma gaiola era uma repartiçãozinha onde dentro tinha um senhor e no fim da quinzena a gente ia lá com todos os vales e ele somava e conferia os vales, nós também podia conferir e sabia os vales estavam sempre na nossa mão. E aí então a gente recebia aquele dinheiro, fazia desconto quando era o fim do mês e recebia.

Ern. Cada peça tinha um valor?

T. Cada peça tinha um valor.

Ern. A senhora, por exemplo, começou fazendo peças mais simples e depois foi fazendo

T. Sim, foi subindo

Ern. Aprendendo as coisas mais difíceis?

T. Sim, porque tinha a senhora e moça e tinha alfaiate. Então essa parte da manga, essa parte da gola que eram mais melindrosa tudo era alfaiate que fazia.

Ern. Era alfaiate?

T. Alfaiate.

Ern. E trabalhavam na mesma

T. Na mesma seção

Ern. Juntos

T. Na mesma seção, na mesma seção. Tinha não sei quantas carreiras de máquina, cada carreira tinha dez máquina, cada carreira tinha dez máquina.

Ern. E mais ou menos o número de alfaiates era menor que o número de costureiras. O número de homens em comparação com o número de mulheres na produção toda?

T. Mulheres eram muito mais

Ern. Muito mais mulheres?

T. Muito mais mulheres.

Ern. Os homens eram só pra essas coisas. Gola, pro..

T. Os homens pegavam a manga e a gola eles trabalhavam com essa parte e o resto todo..

E. trabalho de maior responsabilidade.

T. A gola e a lapela em frente né.

E. A Única desvantagem era que eles pagavam aquilo por peça por fora aquela coisa né e vem prejudicar hoje na aposentadoria, era contado aqueles 10 cruzeiros e se ela ganhasse 15 os 5 não constava. Ficava só o básico. Chegou na fase da aposentadoria aquilo tudo caiu fora. Então hoje se queixa mas eu trabalhei tanto, porque eu fiz e aconteceu mas trabalhar por peça é comissionada, toda comissionada e toda a comissão não contava no ordenado era contado por fora.

T. Sim, por exemplo, se tinha uma quinzena que tinha muito serviço vamos fazer uma base ganhava 10 por dia e aí vinha uma crise de serviço e não tinha e ganhasse 5, quer dizer que não tinha um preço

En. A senhora lembra de momentos de crise muito grande, de pouco trabalho?

T. Sim, teve teve de pouco serviço.

En. A senhora lembra mais ou menos em que época?

T. Agora não recordo... porque eles faziam de tudo, faziam casaco de gazimira, linho terno completo quer dizer calça e colete e fazia sobretudo e tinha seção de capa, fazia capa, capote... a parte da colônia como se diz os colonos que usavam mais aquilo

En. Aquilo mais pesado?

T. Mais pesado era a parte que dava mais problema, mas se não nós aqui era sobretudo mas tudo muito muito caprichado muito bem feito. Tinha a fama muito boa. Depois ele montou aquela loja lá no centro com as vitrines foi onde ele foi progredindo mais..

E. O Renner tinha representação em quase todo lugar aí pra fora. Os representantes que vinham né Linda?

T. Vinham

E. E os representantes faziam os pedidos, conforme os pedidos que entravam, entrava o serviço da colônia também prejudicava porque não havia saída em época de crise..tinha época que ela vinha pra casa com braçadas de roupa, pacotes de roupa pra fazer em casa

T. Trabalhava durante a noite pra fazer, depende porque muitas vezes recebiam encomenda do Rio de Janeiro agora nem me lembro mais do nome das firmas, Rio de Janeiro, São Paulo tinha Curitiba ele tinha encomenda e a gente tinha de fazer...trabalhava de noite..

En. Por exemplo, na época da guerra vocês chegaram a ter encomenda de uniformes?

T. Na época da guerra suspendeu muito, porque já viu era militar aí..

E. Mas você não fazia uniforme da da..não trabalhava pro exército?

T. Não, não, nada. Fazia Sobretudo mas coisa de que fosse dizer que nem a roupa de militar era verde né, o pano, o tecido nós nunca trabalhamos

En. Vocês nunca chegaram a fazer?

T. Nunca chegamos a fazer isso

En. É, porque houve algumas indústrias que na época da guerra conseguiram pegar encomendas

E. O exército obrigava a fazer

T. O Renner sempre sustentou a...mas era era era , às vezes eu falo com colegas, mas é muito diferente daquele tempo, era muito diferente. Naquele tempo tinha mais respeito tinha mais amizade, mais

-Fita 1 – lado 2 (Teodolinda e Ernesto)

T....era lei da firma, ordem, era muito severo.. muito severo muito cumpridora de seus deveres de todos pontos de vista, porque eles botaram médico consultório, todas essas coisas, creches pras crianças, quer dizer eles deram muito apoio pras pessoas.

En. Oferecia muito muita assistência..

T. Quando era nove horas a mãe tinha permissão pra amamentar seus filhos, quando era três horas da tarde também tinham aquela hora e tudo por espontânea vontade de seu A.J.

En. Quer dizer que ele mantinha mesmo a mulher podia engravidar ter os filhos tranquilamente?

T. Podia, o horário dela era sagrado. Tinha muita ordem dentro da firma mesmo tudo por espontânea vontade dele, bondade dele que em outro lugar não. Naquela época que eu fui trabalhar a firma por valor ela estava lá encima de fama...mas depois..

E. Naquele tempo não tinha problema da mulher estar grávida ou ia casar ou porque engravidava, hoje é uma dificuldade ou porque vai casar ou sabe que engravidou ou qualquer uma coisa, desconfiam e já eleimina a pessoa as leis da 4 meses que tem que ficar em casa então custa caro pra firma..

En. Mas também não era toda empresa que fazia isso era só o Renner?

T. É que nem o Renner, o Renner por exemplo, era espontânea vontade dele e elas eram grávidas e quando elas ganhavam nenê ele tinha creche..

E. Dava todo apoio..

T. botou uma creche, botou senhoras pra cuidar e era esse horário pra amamentar, às 9 horas ia amamentar e 3 horas também ia, quer dizer que durante o dia a criança era cuidada com tudo tudo tudo..

E. Mas a mãe não tinha 4 meses livre ela seguia aqueles dias depois do parto..

T. Eu digo depois que tinha o nenê.. quando

E. Ela tinha aqueles dias de parto e depois vinha ao trabalho e o nenê era cuidado com todo cuidado

T. O que eu quero te dizer é que não é que eu dissesse assim agora eu tô grávida vou ganhar filho e não sei como fazer.. quer dizer não tinha problema, ficava grávida ganhava o nenê já sabia onde colocar porque o Renner aceitava. Ele criou o filho era dele mesmo era uma coisa espetacular.

E. Dava toda a atenção a gravidez da paciente

T. E alimentação, a criança

E. Era uma firma organizada do ponto de vista do velho A.J. Renner. Depois que faleceu o A.J.Renner quem aguentou um pouco foi o falecido Egon que era o filho mais velho, mas depois começou os genros..

T. É depois que entrou aquele genro que veio lá do Rio que eu não me lembro como era o nome dele, aquele que veio lá do Rio. Ele já quis modificar, transformar uma coisa com a outra, sei dizer que nós sentimos o drama na modificação.

E. A gente que é antigo, não cortando o assunto dela, a gente que é antigo a gente ficou sabendo de certas coisas que eles faziam até cabaré ali dentro. Não sei se vai pegar bem na tua gravação. Mas faziam até isso, não fizeram aí?

T. É..

E. Eu sei porque eu conheci o Adelino Cabral(?)..

T. Tu era rapaz e tu conversava esses assuntos

E...o que eles me diziam né..

T. Ah, pois é.

E. ...os cabeças ..esses pegavam essas funcionárias mais ou menos mais sapecas, safadas e eles de noite faziam as festas deles.

En. Isso depois da morte dele?

E. Isso já depois da morte do velho A.J. Renner. Ali tomaram conta. Saiu o gato, o cachorro os gatos tomaram conta e aí a firma foi..

En. Isso foi em que época? O senhor lembra? Em que faleceu o A.J.?

T. Ah..não me lembro

E. O velho A.J. Renner

T. Eu tenho um livro aqui que pode ser que..

E. Eu falei muito com o A.J. Renner, no tempo do gasogênio. Eu conheci quase todos porque eu trabalhava na oficina do Jost Mayer, o Jost Mayer foi motorista do velho A.J. Renner, e o falecido teu avô também trabalhou então quando o velho Jost Mayer montou oficina aí o Arno foi trabalhar com ele. Nós era amigo do peito mesmo, eu e o Arno era muito amigo depois por um problema da chácara nós se estranhamo e aí ele pendeu pro lado do pai com a razão dele e eu pendi pro nosso lado então meio que nós cortamos amizade. Sempre quis muito bem não tem nada que ver uma coisa não tem nada que ver com a outra, cacemo junto mas evitemo aquela amizade que nós tinha e aí nós começamo e o falecido Jost Mayer era motorista do velho A.J. Renner e ele montou a oficina e aí eu fui trabalhar, trabalhei uns quantos anos lá.

En. O senhor fazia reparo mesmo?

E. Reparo mesmo, aí foi a época do gasogênio

En. Fazia a transformação

E. Transformação, pegava o carro eu trabalhava na máquina, fazia a transformação na máquina eu na máquina fazia as ligações tudo que era preciso, pegava os aparelhos que os outros instalava e pegava e fazia a instalação porque eu era mecânico, então eu fazia as instalações, as ligações para trabalhar com gasolina trabalha à gás aquela coisa toda.

En. Isso em que época o senhor foi pra oficina?

E. Eu comecei em 39,40,41 em 42 na época da guerra eu trabalhava justamente n o Jost Mayer, foi em 45 quando terminou a guerra?

En. Terminou em 45

E. Então 42, 43, 44, até 45 eu trabalhei

En. Tinha esse volume de trabalho grande?

E. é ..a guerra durou cinco anos mais ou menos cinco ou seis anos

En. Seis anos

E. Toda essa época funcionou o gasogênio.

En Isso era a época então do Estado Novo?

E. É

En. Do Getúlio

E. É, sim porque o Getúlio morreu em 54 – A guerra terminou em?

En. 45

E. Foi muito antes

En. Eu digo por causa dos governos.

E. Na época do Getúlio eu já trabalhava com caminhão. Porque o Getúlio saiu fora, parou depois entrou de novo aí foi quando acabaram com a vida dele ou ele acabou não sei até hoje.

(telefone...)

T. Falando muito baixo...compraram uma camioneta, uma Kombi primeiro a Renner ..olha aqui eles..

En. 62 essa não? 62

T. É miúdo eu não enxergo quase..o clube que tinha esse é o A.J. , esse é o Trein cunhado dele, o seu Egon, o seu Altemar, o Heine, Herbert, esse...um outro empregado..uma vez por mês ele dava pra nós aqui o negócio do esporte..tudo tudo ele tudo mesmo ele dava imagina todo mês

En. Essa revista?

T. É.

En. E essa revista aqui ela é de 62 e aqui diz que era o ano 18, então quer dizer que desde 40 ela é

T. Isso eu não posso, essas conclusões eu não posso lhe dizer.

En. A senhora tem mais antigas dessas ou a senhora só tem essa?

T. Eu devo Ter espalhadas por aí mais antigas mas..porque eles davam, todos os meses eles davam uma e eu tinha tanto que um dia andei limpando tudo e liquidando.

En. Certo

.....um espaço bem grande sem gravação...

En. Até agora eu estava perguntando mais do cotidiano aqui, como era o bairro, como era o trabalho né e também queria saber como vocês viram esse período, os fatos da história, da política do país que foram acontecendo. Vocês eram pequeno ainda, recém tinham chegado quando houve a Revolução de 30.

E. Sim, eu cheguei aqui com 2 anos e meio

T. Agora nesse sentido o papai foi um homem que gostava muito, não se envolvia, mas gostava muito de acompanhar. Ele lia ao correio era sagrado.

E. Correio naquele tempo do Reporter Esso, o radiozinho dele era um horário sagrado dele. Conhecia a política toda. Meu pai estudou, meu pai estudou tinha uma caligrafia. Ele teve estudo agora nós não.

T. Mas ele já veio adulto.

En. A senhora que era mais velha lembra de 30, da revolução?

T. Sim me lembro. Imagina.....

E. A revolução do 30, não cortando o assunto. A revolução do 30 nós trabalhava, tinha um meu irmão mais velho, falecido, ele trabalhava com chácara de verdura nós trabalhava

então eles naquela época saía com aquelas carroças e iam pro mercado e naquela época meu amigo, quem tinha cavalo, porque aí não tinha motorizado naquela época não tinha esses caminhões e então vinha esses soldados de à cavalo e encampavam todas as carroças e os cavalos tudo, vieram nos campos aqui do falecido Anteio(?) antigamente, arrecadaram todos aqueles animais e levaram tudo embora e quem tinha um caminhãozinho o exército levava então levou né a revolução de 30 foi assim. Nós morávamos ali na chácara e via os trens passar cheio de soldado ia pra fronteira, não sei pra onde eles iam.

T. Passemos justamente o ano de 30, o forte mesmo, aqui mesmo....

E. O italiano, alemão e japonês não podiam falar..não podiam falar

En. Pois é isso eu queria colocar..

E. Era expressamente proibido falar...achava até que aquilo era uma ignorância porque afinal foi o que levantou o Brasil, não querendo desfazer, porque eu sou italiano mas eu me considero brasileiro, não sou considerado mas me considero brasileiro toda a vida e não tem lugarzinho melhor pra mim do que este aqui

T. Eu não conheço outro

E. Eu conheço o Brasil todo porque já viajei

T. Não conheço antepassado porque tu é muito novo em vista de nós quando nós viemos

E. Eu recordo daquelas época

T. Sim, nós falava muito. O pai e a mãe contava muito..

En. Seu pai acompanhava muito..a senhora lembra que tipo de opinião ele tinha sobre isso sobre o Getúlio sobre a política do país?

T. Ele lia pra ele.

En. Não comentava muito?

T. Não. Ele lia pra ele

E. O Getúlio sempre foi uma pessoa muito apreciada aqui na nossa família. Sempre apreciada e sempre um homem de muito valor

T. É nós tinha o quadro do Getúlio

E. Era um homem respeitado e merecia ser respeitado. Porque naquela época seu compadre na semana da Pátria quem não colocasse uma banderazinha na janela era observado e hoje a bandeira brasileira..o que eles fazem com a bandeira brasileira? Nos campo de futebol se vestem, né? Porque cadê a semana da pátria cadê uma coisa cadê outra? Não se vê mais nada, o simbólico, aquelas coisas, acabou tudo .

T. Tinha muito mais homenagem.

E. Era respeitado.

En. E do ponto de vista porque quando o Getúlio assumiu ele foi criando uma série de leis sobre a questão do trabalho, a senhora chegou a notar alguma diferença em relação ao trabalho isso era muito discutido dentro das fábricas as questões das leis?

T. Agora quando eu entrei já tinha um tempo a fábrica né, porque a minha irmã entrou em 1929 quando ela entrou e eu entrei mais tarde um pouco depois. Mas o senhor quer dizer como se referir sobre dentro da fábrica?

En. É porque como ele começou a criar leis pra questão do salário lei pra questão do horário do trabalho, a questão da mulher não poder trabalhar à noite..

T. Ah..tinha comissão

En. Tinha comissão?

T. Tinha comissão interna.

En. Comissão interna da fábrica?

T. Comissão interna da fábrica. Era uma comissão interna, era feitas aquelas reuniões entre eles e ali era não é que tivesse...que eu ouvisse dizer bate boca isso não, sempre acordo e ele..

En. E era uma comissão organizada pela própria empresa?

T. É pela própria empresa, que determinava, era o que eu sei né. Pelo que eu sei entre eles sempre...porque entre eles tinha de tudo tinha confecção, fiação, tecelagem ele tinha de tudo tudo tudo que ele tinha, ele tinha de tudo dentro da firma.

E. Sim, mas Teolinda as reuniões deles geralmente era feita com os filhos, quantos filhos ele tinha, ele reunia os filhos quer dizer que cada filho tinha uma responsabilidade ele não dependia de gente estranha compreendeu? era reunir os filhos e cada um tinha uma responsabilidade dentro da firma. Não trabalhei lá mas sei porque..

T. Os filhos ele mandava pra Europa pra estudar

En. Pra depois assumir a empresa

T. O Curtis por exemplo, o Curtis que depois passou a ser meu chefe

E. Tinha o Hebert(?) Ele teve preso na época da guerra ele teve lá e passou muito trabalho, o velho fez de tudo pra poder trazer ele de volta mas não teve jeito, ele até veio de lá meio descontrolado..

T. Meio descontrolado

E. Quando ele conseguiu chegar aqui ele até fez uma casa eu até levei muito material na casa dele do Eder(?) mas passou trabalhões lá também..

T. Mas eles ali passaram um pouco de trabalho porque ali naquela firma tinha muita nacionalidade ali dentro também.

En. Isso eu ia perguntar também, tinha gente de muitas

T. Muitas nacionalidades, tinha de tudo mas tudo mas ele mas era tudo um povo, de nacionalidade, mas de respeito não eram revoltado.

E. Teodolinda, ele não era meio meio meio racista? Ele não gostava muito de preto ali, né?

T. Quem?

E. O velho?

T. Se ele era racista não sei. Mas se tinha preto? Não tinha

En. Não tinha negro?

E. Não tinha negro.

En. Só trabalhadores

E. Me parece que ele tinha um só empregado que trabalhava na rua que eu conheci, o único que era preto

T. Ele trabalhava na rua

E. Agora deve ser racista? Devia ser racista.

En. É isso..ele tinha a própria empresa tinha alguma manifestação alguma participação política maior, por exemplo, o senhor está dizendo que ele ficou preso na guerra. Ele estava envolvido será com os nazistas?

E. Não, não estava envolvido. Ele foi lá pra estudar. Estorou a guerra e ele não podia vir porque não permitiam. Ele ficou preso lá. Quer dizer depois que terminou a guerra é que conseguiu a se liberar.

En. Aqui no Navegantes eu sei que chegou a ter alguns grupos nazistas, que eram ligados aos nazistas.

E. Ah aqui houve havia aquelas greves que muitas vezes se via apertado devido aos quebra-quebra

En. Vocês lembram de greves nesse período?

E. Sim, esses quebra-quebra aqui na...mas aqui nunca fizeram nada eles respeitavam muito

En. Nunca conseguiram parar o Renner?

E. Não, não. Pararam.

En. Pararam?

E. Pararam. Mandavam até os operários embora, porque sabe como é quanto menos povo melhor então soltavam o povo.

T. ...a parte maior que dirigia o escritório

En. A maioria da família mesmo. O senhor lembra de greves? O senhor chega a lembrar de anos?

E. Muitas vezes fizeram estas greves porque tinham essas greves antigamente.

En. É eu sei. Isso é uma das coisas que eu mais estudei.

E. Greve naquele tempo era diferente. Não é como agora. Agora o senhor vê a greve que eles foram fazê, saíram daqui e foram lá, o que que arrumaram? Não arrumaram nada. Mas naquela tempo o pessoal fazia as greves e e resolvia, o patrão...o velho A.J. renner aqui sempre dava um aumento, dava isso, dava aquilo ele ajeitava..

En. Ele negociava?

E. Ele negociava.

En. E vocês chegaram a conhecer pessoas ligadas aos sindicatos mesmo? Dentro do próprio Renner tinha alguém ligado ao sindicato?

T. Tinha, tinha tinha gente do sindicato

E. Tinha gente do sindicato que vinha na porta fazendo propaganda

T. Tinha grupos de outras firmas, vinham grupos de outras firmas que eles queriam greve.

E a greve que eles queriam era pra aumento de salário. E o nosso sempre foi regular e então não se envolveu.

En. Não tinha tanto envolvimento?

T. Não tinha. Eles vinham lá faziam aquelas práticas na frente do Renner justamente na hora da saída. Mas não tinha, que tivesse outro dia na firma: -vão isso, vão isso e aquilo.

En. Não chegava a ter essa

T. Não chegava.

E. Ele sempre ajeitava o que era melhor pra ele.

T. Porque a gente pensava, depois a gente dizia assim:- Imagina se a gente vai falar lá com aquele homem que tava falando como diziam que ele era do sindicato, imagina se o seu Curti ou seu Egon ou seu Renner vê a gente o que que vai dizer? Vai mandar a gente pra rua. A gente não queria nem conversa.

En. Tinha muito receio, né

E. E acontecia se tivesse algum envolvido, grevista dentro da firma eles marcavam ele e podia contar dentro de poucos meses chutavam ele.

T. Não, não. Era elemento que não servia pra ele.

E. Era como se diz, achavam ele um intruso uma pessoa que não estava de acordo com a firma não serve, vai embora. Então quer dizer que todo mundo botava o rabinho no meio das pernas.

T....

E. Ele era um patrão bom.

T. Ele era uma firma na época, o chefe ele sempre acompanhou as leis do governo, nunca deixou de cumprir.

E. Ele foi até uma pessoa procurada pra ser prefeito, pra ser governo aqui, mas ele não queria saber ele cuidava do trabalho dele da indústria dele. Ele também veio do nada veio de São Sebastião do Cai. Veio do nada e quando começou a firma aqui começou com pouquinha coisa mas ele se fez ligeiro

En. Subiu rápido

E. Subiu rápido.

En. A senhora estava falando que havia um problema pro Renner que era várias colônias de imigrantes as várias nacionalidades.

T. As várias nacionalidades dentro da firma

En. Isso. E como era, por exemplo, a comunicação dentro da própria empresa a convivência entre os operários falando línguas diferentes..

T. Quer dizer que ali era alemã, a firma era alemã, então tinham muitas alemãs que vinham, mas sempre tinham aquelas que se entendiam mais, elas mesmas podiam se dirigir ao chefe se dirigir a um fiscal se tivesse qualquer uma coisa se quisesse alguma coisa, tinha proteção.

E. Ele dava preferência a pessoas estrangeiras.

En. Especialmente alemães?

E. Poloneses

T. É poloneses.

E. Não trabalhou japones ali.

T. Não, nunca me lembro

E. Italiano, alemão e polonês trabalhou muito e também não interessava se sabia falar ou se não sabia falar porque ele andava ali de um jeito ou de outro tinha intermediário que eles se entendiam . Se essa aqui não sabe falar brasileiro ela é polonesa botavam ela perto de uma polonesa a trabalhar e ela ia indo ia indo dava um jeito ela trabalhava, ela produzia .

T. Ele sempre foi uma firma que ela teve o capricho de manter gente de linha, entende?

Que tivesse classe. Se fosse um, vamos falar uma expressão assim, bagunceiro, ou intrigante, ou que se invocasse ou que quisesse formar qualquer uma coisa eles davam um jeito eles não deixavam, eles não deixavam criar.

E. Eles queriam manter a pessoa mais ou menos, tratavam bem mas manter sobre a lei deles. Teria que ser o cordeirinho dele eles...mas ninguém se queixava, eles tratavam bem, pagavam bem

En. Em comparação com os outros

E. Agora não queriam era furungação como tem hoje. Hoje em dia dentro de uma firma grande tem dois, três ovelhas negras se diz que botam tudo em ...são os primeiros a formarem greve, a forjar isso, forjar aquilo

T. Sim, porque ele...

E. Procurava eliminar essas coisas

T. Ele tinha ele mesmo além dele, além dos filhos, ainda eles tinham outros operários competentes pra reparar, como se diz, culto assim né, cuidava isso cuidava aquilo, cuidava aquele outro, como que formava. Perguntava pros fiscais, perguntava pras fiscalas como é que tá, sempre tinha uma comunicação mas sempre discreta, não era...

E. Como humanitário igual ao velho A .J. Renner não houve

En. Não houve?

E. Porque ele deu terreno pro Gisnástica, deu terreno pra fazer a creche, deu terreno pra fazer o centro de saúde ali, o campo de futebol, ele deu terreno pra tudo. Aqui a Igreja dos Navegantes ele ajudou o que pode, não tinha o que ele não ajudasse ele era humanitário aos extremo, né.

En. Em relação a essa coisa das várias nacionalidades no bairro como era a convivência , por exemplo, entre as pessoas de várias nacionalidades? Tinha algum tipo de rivalidade? Tinha algum tipo..

E. Não.

T. No bairro?

En. É

E. Nós aqui moremo no meio de poloneses. Nós eramos italianos rodeados de poloneses, você nem quera saber como a gente se dava bem.

En. Nunca houve nenhum conflito?

E. Nunca houve nada tudo gente boa, porque era gente trabalhadora.

En. E na época da guerra por exemplo, com essa proibição da língua criou algum tipo de atrito com os..

T. Não...

E. Olha cada um cuidava do seu rabinho e ficava quietinho porque a lei era severa né, naquele tempo se cumpria a lei você tinha medo da lei, hoje não se tem mais medo da lei.

T. Não podia encontrar grupinhos pela rua

E. Naquele tempo se respeitava a lei

T. Não podia parar grupos assim, aqui e ali, se ajuntar não era permitido.

E. Naquele tempo se respeitava a lei, hoje não se respeita mais a lei.

En. E vocês, em relação mesmo a essa questão das greves e do sindicato, por exemplo, aqui próximo morando vocês chegaram a conhecer alguém que tivesse envolvimento maior com o sindicato ou com a participação em greve?

E. A gente sempre sabia que tinha algum furungadorzinho, aquela coisa toda, mas eles também eram quietos..eles faziam

T. Eles não encontravam apoio

E. Eles procuravam as pessoas deles, da camarilha deles, eles não se envolviam com qualquer um, porque se eram descoberto..

T. aqui na nossa zona, sempre foi uma zona graças a Deus sempre sossegada mas outros lugares ali eu não...

E. Naquela época tinha os integralista, era a época dos integralista usavam camisa verde, aquela coisa, então tinha..pra todos tinha mas depois acabaram com eles mas sempre tinha mas eles acharam melhor

T. Esses da camisa verde eram integralistas mas não se invocavam Ernesto, eles queriam criar aquele

E. Mas era um partido né

T. era um partido

E. Mas naquele tempo eram mais severo, hoje em dia não. Hoje em dia tem 50 partido um esculhamba o outro, qual é o respeito que tem, nenhum se respeita.

En. Mais uma coisa do ponto de vista de lazer, diversão, esporte. Como era o tipo de lazer que era mais comum?

E. Olha, cinema, baile, sociedades. Naquele tempo uma sociedade tinha seu respeito o camarada tinha que ser sócio, tinha que a mulher tinha carteirinha, se tivesse as filhas todas elas tinham suas carteirinhas, com um respeito fenomenal. Podia ir a um baile de uma sociedade como tinha o Esporte eu fui sócio do Esporte muitos anos, depois passei pro Ginástica que era alemão, também fiquei muitos anos, eu, teu avô, o falecido Arno. Cadê as sociedades hoje? Cadê os bailes hoje? É bailão né, salve-se quem puder, vai quem quer.

En. Outra coisa que hoje é mais difícil, a caça era bastante comum não é. A gente vê muito as fotos.

E. Era o meu esporte e o esporte do teu avô, nós ia caçar junto. Eu caçei por 25 anos. 25 anos eu caçei.

En. E o senhor caçava a onde?

E. Caçava aqui dentro do Rio Grande do Sul. Eu caçei muito no Uruguai também.

En. Aqui próximo?

E. É coisa de 100, 150 Km. Agora tempo de gurizada eu e teu avô, o falecido Arno, caçava aqui na chácara.

En. Caçava o que?

E. Aqui se matava de tudo mas depois então veio a guerra,então quando veio a guerra as armas e eu tinha tinha uma arma velha que até nós queria até botar dentro de um poço, porque quem tinha uma arma um rádio uma coisa a polícia levava tudo, eles vinham e levavam tudo. E então aquilo ficou sossegado aqueles seis anos.

En. Não podia nem pensar.

E. Então passou-se aqueles seis anos, a gente amadureceu mais e coisa e tal e então veio novamente a liberdade e eu já parti pra caça de perdiz, de marreco essas coisa e então foi onde daí que eu caçei porque eu caçei desde guri desde que eu me conheço por gente comecei a caçar matava passarinhada mas eu caçei 25 anos das Minas do Leão a questão de 100, 150 km daqui...

T....no tempo da guerra...

En. Era uma coisa bastante comum bastante praticada?

E. Naquele tempo era bastante praticada, depois começou a entrar lei, lei e mais lei e mais lei e aí se chegou a um ponto e eu reduzindo eu reduzindo e como tá a caça hoje me parece que ta querendo proibi não tem mais nada. O camarada sai daqui pra ir viajar 100,200 km pra matar cinco perdiz, o que que custa isso né? Acabou o caçador.

En. Em termos de esporte? Era o que, futebol?

E. Eu joguei bolão 25 anos.

En. Bolão?

E. Bolão, futebol nunca pratiquei. Meu jogo era bolão, bocha, praia, sempre gostei muito da praia, pescar era meu esporte. Caçar e pescar não tinha outro. Eu deixava de qualquer coisa.

En. E a praia? Vocês iam veraneiar em..

E. Eu comecei a veraneiar em Torres, depois então quando começaram a abrir aí eu fiz uma casa na praia na Mariluz já há 34 anos temos casa ali e todos anos a gente vai ali. O falecido Arno tinha casa em Tramandaí e ultimamente que ele tinha...o falecido João, a dona Edi...

T. Pra falar a verdade Ernesto essa nossa zona aqui do navegantes foi uma zona de harmonia, de paz, não tinha..

E. A gente saia a hora que quisesse e voltava a hora que queria não esse problema eu vou voltar a uma hora da madrugada eu vou ao baile..

FITA 2 – LADO 1

Continuação da entrevista com Teodolina e Ernesto Rossi - 25/7/95

E. Na casa da falecida Elza, bisavó. O Arno, a Lídia e mais a vizinhança , nós fazia baile todo Sábado, todo o Domingo nós vivia , nós era parente , entre, entre os conhecido né fazia baile

T. Eu comprei uma vitrola

E. Nós tinha uma vitrola e nós fazia aqueles bailarecos, um dia na casa de um um dia na casa de outro, do outro, do outro...e se divertia entre nós né. E hoje o que resta quando a gente ainda se encontra que felicidade, a gente se respeitava, fazia aquilo com respeito. Hoje em dia não, hoje em dia acabou isso.

T. Faleceram muitos

E. Não é que faleceram. É que a rapaziada de hoje não se diverte

T. Não digo a rapaziada eu digo a tua época, a nossa época, existe pouca pessoa.

E. Se a gente vai contar o que morreu aqui.

En. Essa coisa também muito da música, do baile, vocês tinham muito esse hábito de fazer baile.

E. Nós tinha nós tinha, comprava os discos e fazia.

En. Isso de solteiro e também de casados?

E. Olha, eu conheci a minha mulher num bailezinho que nós fizemos na casa da vó Elza, eu conheci a mulher lá e casei, o falecido Arno também..

En. Mesmo depois de casados continuavam mantendo isso, fazendo baile?

E. Olha depois aquilo depois foi terminando..

En. Só quando mais jovem?

E. terminou porque cada um começou com seus compromissos e aí já comecei a trabalhar fora quando tinha fim de ano a gente se juntava nós comprava um barril de chopp, o Arno comprava um barrilzinho de chopp, eu comprava um barrilzinho de chopp nós fazia nossas festinha, comia aqui, comia lá e a gente se reunia sempre aquele conjunto daquela rapaziada as gurias viviam sempre junto. Eram polacos, alemães e italianos e viviam sempre junto né.

En. Uma última coisa que eu tinha quase esquecido também é na questão mais política que a gente estava falando antes. Quando havia eleição quem era o, p. ex., políticos que tinham apoio que tinham cotação forte, lembra de algum?

E. Olha aqui foi o Getúlio Vargas. Depois de Getúlio Vargas aí veio...aqui teve muito prestígio o Castelo Branco, Castelo Branco era o homem mas infelizmente..agora veio o Trancredo né ...acabaram com ele..outra pessoa que eu tinha muita esperança foi o Collor e você vê no que deu né. Eu nunca esperava que o Collor fosse fazer o que fez.

En. Mas na época assim, bem antiga mesmo. Tinha, por exemplo, algum vereador ou algum deputado que fosse aqui do distrito mesmo?

E. Naquele tempo não existia vereador, naquele tempo era a intervenção. Era a intervenção o Getúlio Vargas mandava tinha um interventor, não tinha...era um interventor. Ele que mandava e botava o interventor aqui, quer dizer que era...não tinha vereador, não tinha essa...deputado era lá..não tinha essa politicagem que tem hoje.

En. Agora quando acabou a guerra por exemplo, houve já eleição pra vereador aqui em Porto Alegre mesmo em 47 por aí e vocês não chegam a lembrar de ninguém..

E. Eu não era eleitor, não me interessava, não me interessava agora

T. A gente era estrangeiro nem nem tudo a gente podia se meter nunca tive necessidade E. Eu nunca tive necessidade de me naturalizar me arrependo até hoje de não Ter me naturalizado, mas nunca tive necessidade sempre fui muito respeitado e muito valorizado, o italiano e o alemão ele é muito respeitado aqui ele tem muito valor. O próprio brasileiro dá muito valor ao italiano, ele dá muito valor porque agradeça a essa gente se o Brasil desenvolveu, porque se fosse pela própria raça mesmo da do Brasil isso aqui ainda estaria muito atrasado, então essa gente desenvolveram outros talvez estejam comendo o Brasil, estejam comendo até o Brasileiro. Mas não sei qual é o culpado aí né. Mas que o Brasil desenvolveu agradeça as imigrações, alemães, italianos, poloneses e japoneses ultimamente e isso foi né.

T. Aqui o japonês

E. Não, não aqui em São Paulo

En. Em São Paulo.

E. Aqui também tem muito. Agora uma raça que nunca se conseguiu a..eu não topo e acho que sempre foi muito problema foi judeu né e o que tomava conta e que está tomando conta até hoje. Mas já tá muito misturado está muito misturado mas até hoje sendo que o judeu é vivo ele não trabalha mas tá sempre na bocas principais né

En. E aqui no bairro mesmo existia muito judeu?

E. Olha existia, existia, o judeu estava sempre metido nessas madeireira nestas coisas onde dava dinheiro

T. Na indústria né

E. Eles(?) eles davam um jeito na consciência ..nas televisões nessas coisas...? Eles eram umas pessoas, não se era a religião deles que se reuniam e faziam o ...agora eles eram umas pessoas que você não encontra um judeu pobre, eles se ajudavam uns aos outros, eles se instruíam, eles desenvolviam. Mas também eles tinham auxílio entre eles mesmos. Aqui mesmo em comparação com os brasileiros, se um tá mal o outro já dá um ponta-pé, eles não eles acolhiam. Você vê hoje você vai nestas malocas aí e não encontra japonês, você não encontra o alemão, dificilmente vai encontrar um italiano, você não encontra polaco. É verdade ou não? Você encontra a raça morena, preta e a maioria negra dificilmente você encontra uma pessoa estrangeira, ele luta pra não entrar ali né.

En. Tá bom. Então..

E. Não sei se está certo isso não é que eu queira desfazer o... porque eu me considero muito brasileiro agora me criei numa raça que luta pra viver. Eu prefiro mil vez Ter pra dar do que precisar.

En. Então está certo. Bom era mais ou menos isso. Gostaria de agradecer a vocês pela entrevista e se eu lembrar mais alguma coisa eu apareço. Estou vindo pra cá quase sempre de 3 em 3 meses mais ou menos. Porque eu estou morando em São Paulo agora..mas eu estou

E. Está morando em São Paulo. Você é casado ou solteiro?

Fim Da entrevista com Teodolinda e Ernesto Rossi

...desligado o gravador...